

O aventureiro da Filadélfia: Theóphilo Ottoni e a conquista do Vale do Rio Mucuri*

Regina Horta Duarte**

Abstract

This article analyzes the relationship between the practical politics and the liberal ideas of Theophilo Ottoni (1807-1869) and how these relate to the conquest of the Mucuri river valley (1847-1860).

Keywords: Theophilo Ottoni; liberalism; Mucuri River

Resumo

Este artigo analisa as relações entre as práticas políticas e idéias liberais de Theóphilo Ottoni (1807-1869) e a conquista do Vale do Rio Mucuri (1847-1860).

Palavras-Chave: Theóphilo Ottoni - Liberalismo - Rio Mucuri

Em 1865, Theóphilo Benedicto Ottoni, mineiro natural de Vila do Príncipe (hoje Serro), publicou um folheto no qual debatia o sistema de transportes na sua província, realizando uma vigorosa defesa da interligação entre alguns rios de Minas e a estrada de ferro Dom Pedro II, além da extensão das vias férreas como solução para o urgente problema da falta de vias de comunicação.¹

No decorrer desta discussão, o autor constrói sua argumentação baseando-se num curioso tripé imaginário em que interliga algodão, liberdade e Inconfidência Mineira.

A província de Minas Gerais possuía, segundo Ottoni, uma significativa atividade industrial no ramo de tecidos, baseada na produ-

* O presente artigo faz parte de projeto de pesquisa financiado pelo CNPq. Agradeço ao Dr. Newton Figueiredo, que possibilitou a consulta a vários documentos preservados pelo falecido Nelson de Figueiredo.

** Doutora em História pela UNICAMP, professora do Departamento de História - FAFICH - UFMG

¹ OTTONI, Theophilo Benedicto. *Considerações sobre algumas vias de comunicação ferreas e fluvias e a entroncar na estrada de ferro de D. Pedro II e no Rio de São Francisco acompanhadas de estudo especial sobre o modo de ligar a mesma estrada de ferro de D. Pedro II com as secções navegáveis dos Rios Verde e Sapucahy.* Rio de Janeiro: Typographia do Correio Mercantil, 1865.

ção de um algodão de boa qualidade e, principalmente, nas numerosas empresas familiares, pequenas, mas expressivas em seu conjunto. Pelas mais diversas localidades mineiras, a cada passo um viajante poderia deparar "o rico e o pobre trajado à mineira", com "calça riscada de boa casimira de algodão, colete e paletó de lã, tudo fiado, tecido e tinto no seio das famílias".²

A importância dessas considerações excedia detalhes meramente econômicos. Ottoni apresenta ao seu leitor aspectos referentes à vida do trabalho, do envolvimento de mulheres e crianças na produção, de referências culturais que se desdobram da união entre o cotidiano familiar e trabalho³. Aparenta, ainda, um laço indissociável entre todos estes aspectos e um tipo especial de vivência política ali criada. Nas cerimônias de instalação do Conselho Geral da Província de Minas, por exemplo, vários conselheiros haviam comparecido de algodão mineiro, dentre eles Jorge Benedito Ottoni, pai do autor. Em sua interpretação, a predominância do tecido de algodão no trajar mineiro denotava muito mais que um espírito mercantil, mas principalmente um forte sentimento patriótico: "a liberdade e a indústria têm entre si uma filiação recíproca".⁴ Acrescentava ainda que a aliança entre estes dois princípios remontava aos tempos da dominação portuguesa, citando o exemplar caso de Correa Pamplona, proprietário de terras na comarca de São João del Rei, homem industrioso dedicado à fabricação de tecidos de algodão. Ingenuamente, teria comunicado à Coroa seu sucesso na produção de panos, tendo recebido como resposta uma ordem régia mandando quebrar todos os teares e filatórios encontrados em Minas. Nessa situação, e apesar de um completo isolamento do resto do mundo - à qual Ottoni se refere como uma verdadeira "quarentena política" - as notícias das "maravilhas que a independência estava produzindo nos Estados Unidos" chegaram a Minas, atraídas pelo que o autor denomina como um "instinto da liberdade". Ao referir-se à Inconfidência Mineira, Ottoni constrói um versão singular, recorrendo a duas explicações históricas. Na primeira, afirma que "o quebramento de teares trouxe a Inconfidência", comprovando sua hipótese inicial de que liberdade e indústria caminhavam juntas: a bandeira de 1790 trazia, junto a seus dizeres, um tear. Após a derrota do movimento, a

² Idem, *ibidem*, p. 5.

³ A questão da indústria familiar de algodão nas Minas oitocentistas foi minuciosamente estudada por LIBBY, Douglas C. *Transformação e Trabalho em uma Economia Escravista - Minas Gerais no século XIX*. São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 186 a 256. Um ponto interessante destacado por este historiador é a predominância do trabalho livre na produção doméstica de algodão, além de mostrar sua ampla difusão, suas significativas dimensões e sobretudo, seu enraizamento no cotidiano da população mineira.

⁴ Idem, p. 5.

proibição dos teares foi mantida por muitos anos, até ser revogada em princípios do século XIX, "à instâncias do Padre Manoel Rodrigues da Costa", que havia sido, em 1790, "co-réu do patriarca Tiradentes".⁵

A outra relação histórica, construída pelo texto em questão, coloca as idéias políticas americanas como fundantes daquele movimento e permanentes no pensamento político mineiro. Mas também aqui a argumentação une atividades políticas e empreendimentos. Apresenta os fabricantes de tecido mineiro como seguidores dos Yankees, que teriam fundado a cidade manufatureira de Lowell, como a melhor forma de suplantar a Inglaterra, a partir dos conflitos de 1812. Naquela cidade, o exemplo de abundância e moralidade era "o mais pungente epigrama contra a miséria e devassidão dos centros industriais da Inglaterra". Suas "interessantes e gentis operárias" haviam feito "mais dano à Inglaterra do que os soldados de Napoleão".⁶ Assim, voltando do exílio em 1803, o inconfidente Padre Manoel Rodrigues da Costa empregou toda a sua fortuna em fábricas de algodão e lã, e, segundo Ottoni, "o medo que já então inspirava o exemplo dos Estados Unidos fez com que a Corte tolerasse o fato".⁷

Mas a indústria mineira encontrava um obstáculo. A província, dotada de um clima invejável, de uma população laboriosa, de pastagens preciosas, de prodigiosas riquezas mineiras, de uma ampla superfície de terras fertilíssimas, tudo podia produzir, mas nada conseguia exportar. Longos trajetos, caminhos tortuosos, barrentos e dispendiosos tornavam seus produtos caros. Frente a estas dificuldades bem conhecidas - pois era filho de um tropeiro - Ottoni reinvidica: "Vias de comunicação! Vias de comunicação!"⁸ Tratava-se de facilitar a locomoção de pessoas, de produtos, de idéias.

Novamente, o exemplo da república Americana é evocado. Que fizéssemos como nos Estados Unidos, apontado pelo autor como "a verdadeira pátria dos caminhos de ferro".⁹ Se em 1862 esta nação contava com 50.000 milhas de vias férreas em plena atividade, no início do século os americanos construíram trilhos provisórios, solucionando com urgência o problema da circulação e os substituindo depois, pouco a pouco. Para defender a proposta do *tram-road* (uma estrada de ferros na qual a locomotiva é substituída por animais cavalares ou muares e os trilhos portanto, são mais simples e mais baratos), Ottoni evoca a autoridade científica do engenheiro

⁵ Idem, p. 5,6.

⁶ Idem, p. 6.

⁷ Idem, p. 6.

⁸ Idem, p. 1.

⁹ Idem, p. 18.

André Rebouças, transcrevendo, na íntegra, um artigo em que este adota ponto de vista positivo em relação à construção de *tram-road* ou *tram-way* como início de solução para a questão dos transportes no Brasil.¹⁰

Havia, ainda, outra ênfase essencial no projeto de Ottoni: a navegação dos rios, articulada aos caminhos férreos. E neste ponto, a fala vinha do âmago de experiências intensamente vividas, pois dedicou anos de sua vida à aventura de empreender a navegação do Rio Mucuri, através da fundação e direção, durante toda a década de 50, da Companhia do Vale do Mucuri.

A aspiração de navegar pelo Mucuri como forma de ligar parcela importante do interior mineiro ao litoral não foi inaugurada por Theóphilo Ottoni. Desde o alvorecer do século XIX, dezenas de homens se arriscaram pelas matas do Vale do Mucuri em busca de avaliar as condições para a circulação em direção ao litoral. Muitos morreram, flechados pelas tribos botocudas antropófagas, ou se perderam.¹¹ O impulso conquistador partiu de Minas Novas que, fundada em meio à febre da mineração, passou a ser, a partir de fins do XVIII, nos dizeres de Saint Hilaire, uma produtora de algodão de invejável qualidade, além de criação de gado, plantio de feijão, trigo, batatas, bananas, arroz, com excelentes mananciais de águas e disponibilidade de ferro e enxofre. Apesar da abundância de produtos e de ser, na opinião do viajante, em toda a província de Minas, "a mais bem situada para o comércio", permanecia isolada e seus artigos não conseguiam ser transportados sem que os custos se tornassem absurdos.¹²

Ottoni não era um produtor da região. É claro, e fato plena e positivamente assumido por ele, que seus interesses no Vale do Mucuri envolviam um empreendimento capaz de gerar fortuna. Mas o que levou Ottoni a se interessar justamente por esta região e não por qualquer outra ou por algum outro tipo de empreendimento menos arriscado? Afinal, ele parte para enfrentar um rio absolutamente desconhecido, pois se encontrava numa mata ainda indevassada e habitada por índios de fama aterrorizante, os botocudos. A busca de respostas nos leva a algumas importantes considerações.

¹⁰ Idem, p. 35 a 39.

¹¹ Ver: TIMMERS, Olavo. *Theophilo Benedicto Ottoni: pioneiro do nordeste mineiro e fundador da cidade de Teófilo Ottoni*. Divinópolis: Santo Antônio, 1969. / FERREIRA, Godofredo. *Os Bandeirantes Modernos - desbravamento e colonização das matas do Vale do Rio Mucuri*. s/n, 1934. / TETTEROO, Samuel. *Notas históricas e chorográficas sobre o município de Theophilo Ottoni*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1922. / CÉSAR Junior, Demóstenes. *Esplêndidos frutos de uma bandeira frutuosa - Minas Novas em um esboço histórico*. Belo Horizonte, Ed Lemi, 1978.

¹² SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/EDUSP, 1975, p. 194,195.

Em primeiro lugar, o período em que decide realizar este empreendimento é um momento singular em sua vida. Em fins dos anos 40, Ottoni se afasta da prática política institucional, e não será o único a fazê-lo. O momento é delicado. Tempo de violência física explícita na repressão da Praieira e prisão dos participantes. Tempo de violência política configurada na dissolução da Câmara em fevereiro de 1849, decorrente dos exacerbados conflitos entre esta e o Gabinete Conservador. Tempo de solidão e desânimo para os liberais, desgastados com a falta de coesão e com a inoperância que caracterizara sua atuação no quinquênio liberal. De 1844 a 1848, apesar de anistiados os rebeldes da revolução de 1842, e chamados ao poder, os liberais conviverão com instituições do triunfo conservador, como a Lei de Interpretação do Ato Adicional, a recriação do Conselho de Estado e a reforma do Código de Processo Criminal. Entre o ano de dissolução da Câmara e a abertura da nova, liberais mais puristas como José Antônio Marinho, Urbano Sabino Mello e Theophilo Ottoni se afastam, dando aulas em colégios do Rio, trabalhando pacatamente como advogado ou partindo para desbravar as matas misteriosas do Vale do Rio Mucuri.

A província de Minas vivia, por volta dos anos 40, uma situação em que as regiões dos Vales dos Rios Pardo, Doce e, no extremo norte, Jequitinhonha, já conheciam a ação civilizadora dos homens que empreenderam uma verdadeira guerra no desbravamento de suas matas e na matança e/ou catequização de seus índios. Mas o Vale do Mucuri, apertado entre estas regiões, quedava intransponível e impenetrado. As tribos mais bravias e resistentes ao contato com os brancos eram justamente as que se encontravam ali refugiadas. Era uma mata virgem, um território ainda desconhecido do Brasil. Um local onde a civilização ainda não começara e tudo teria que ser fundado do zero. Uma área de fronteira, um ponto inaugural de partida. Foi este um fator decisivo para a escolha de Ottoni: a possibilidade de principiar o novo, uma forma de continuar lutando por todos os seus ideais, num momento em que os liberais saboreavam o fracasso.

Ottoni, leitor e admirador confesso de Thomas Jefferson, certamente percebia o significado de desbravar regiões de fronteira, considerada aqui no sentido vivido na conquista do Oeste, a fronteira interna. Território sem lei a ser ordenado, retirado do caos, conduzido e construído enquanto um *locus* em que a vida política se tornasse viável.

Aos olhos do futuro diretor da Companhia do Vale do Mucuri, a vida política no Brasil tornara-se inviável. Os males da excessiva centralização do poder tudo contaminavam e impediam as iniciativas empreendedoras, compatíveis somente

com a liberdade. Considerava a Lei de 03 de dezembro de 1841 (que, ao interpretar o Ato Adicional de 1834, sistematizava a centralização política da vitória conservadora e fortalecia o poder do ministério) como o confisco dos direitos e liberdades dos cidadãos brasileiros, a anulação do sistema representativo, a partir da qual não se poderia continuar a viver com o nome de nação livre.

O Ato Adicional de 1834, pulverizado pelos conservadores, possuía um sentido especial para Ottoni. Participara, como ativo entusiasta na campanha pela Abdicação de D. Pedro I. Em 1830, aos 23 anos, fundou um jornal republicano, *O Sentinela do Serro*, cuja epígrafe parafraseava vigorosos trechos de Jefferson (" O fim de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescritíveis dos homens; estes direitos são a liberdade, a segurança, a propriedade e a resistência à opressão"¹³). Em 06 de abril de 1831, às vésperas da abdicação, redige e lidera, no Serro, um compromisso público cujo primeiro artigo afirmava a obrigação dos brasileiros em resistir à ilegalidade e ao absolutismo e repelir, pela força, os atos de força. Mas o 07 de abril não lhe trouxe o sonho republicano. Consideraria-o, anos depois, como um verdadeiro *journal des dupes* pois, "jurado sobre o sangue dos Canecas e dos Ratcliffs, o movimento tinha por fim o estabelecimento do governo do povo por si mesmo, na significação mais lata da palavra".¹⁴ Pesaroso, viu os moderados, adeptos de última hora ao movimento, "apoderaram-se do leme da revolução". Por outro lado, Ottoni naquele momento sentiu medo, pois viu a possibilidade do caos, ao impedir que um comerciante português residente no Serro tivesse sua casa invadida e fosse fisicamente agredido. Dias depois, publicará em seu jornal um artigo de balanço do movimento, lamentando: "trezentos anos de escravidão não podem bem preparar um povo para entrar no gozo da mais perfeita liberdade".¹⁵ A partir de

¹³ Apesar disto, a epígrafe citada guarda essenciais diferenças em relação a Jefferson, pois na Declaração de Independência ele não coloca o direito de propriedade como um direito natural e a expressão utilizada é busca da felicidade: "Todos os homens foram criados iguais, foram dotados pelo criador de certos direitos inalienáveis, que, entre estes, estão a vida, a liberdade e busca da felicidade; que, a fim de assegurar esses direitos, instituem-se entre os homens os governos, que derivam seus justos poderes do consentimento dos governados; que, sempre que qualquer forma de governo se torne destrutiva de tais fins cabe ao povo o direito de alterá-la ou aboli-la e instituir novo governo, baseando-o em tais princípios e organizando-lhe os poderes pela forma que lhe pareça mais conveniente para realizar-lhe a segurança e a felicidade". JEFFERSON, T. *Declaração da Independência dos Estados Unidos da América. In- Escritos Políticos*. Trad. Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo, IBRASA, 1964. Sobre a originalidade da afirmação da busca da felicidade ver BELOFF, Max. *Jefferson e a Democracia Americana*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1964., p. 41 a 60.

¹⁴ OTTONI, T.B. *Circular dedicada aos srs. eleitores pela Província de Minas Geraes e especialmente dirigida aos srs. eleitores de deputados pelo 2. Districto eleitoral da mesma Província para a próxima legislatura*. São Paulo: Estabelecimento Graphico Irmãos Ferraz, 1930, p. 19.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 21.

então, consente com a monarquia, desde que ela gestasse, através da educação e de novas vivências políticas, um outro Brasil. Dever-se-ia, aos poucos, "republicanizar a constituição", cerceando o poder moderador, abolindo a vitaliciedade do Senado e organizando em assembleias provinciais os Conselhos Gerais da Província. Só assim, concluía o artigo, a sociedade poderia "marchar em segurança para o estado de perfeição e felicidade a que se elevou a pátria de Washington, dos Jefferson e dos Franklin".¹⁶ No credo político jeffersoniano, Ottoni encontrava bases para justificar o seu medo da tirania das massas, tanto quanto da tirania de um só, evocando a máxima da segurança individual como um dos objetivos fundantes dos governos.

A esperança de republicanização gradual seria depositada, por ele, no Ato Adicional de 1834, o qual defenderia como fator de descentralização e estímulo à prática do autogoverno, aprofundando as liberdades e as garantias do cidadão e apoiando uma boa administração da justiça. Ottoni lutou pelo Ato Adicional até o fim de sua vida: em 1864, realizou, no Senado, um importante discurso em sua defesa, considerando que o sentido autêntico da descentralização fora desvirtuado no período regencial, favorecendo o empreguismo e o particularismo. Mas a sua retomada poderia evitar os erros cometidos e levar ao resgate de seu sentido mais puro, levando a uma verdadeira descentralização e garantindo o direito e a iniciativa das localidades.¹⁷ Num intervalo de três décadas, a ênfase do pensamento de Ottoni originava-se de uma mesma concepção: o autogoverno, a experiência da política enquanto prática cotidiana dos cidadãos e atividade intensa e primordial de suas vidas, na criação de outra relação entre os níveis privado e público.

A imagem de uma sociedade construindo seu aprendizado de prática política traz aqui uma forte apropriação das idéias de Jefferson que, ao assumir a presidência em 1801, definiu uma concepção frugal de governo, na qual os homens fossem livres para seus empreendimentos e desimpedidos em seus trabalhos. Ironizava a afirmação da impossibilidade de um homem governar a si próprio e perguntava: "Poderá, então governar os outros? Ou teremos encontrado anjos na forma de reis para governá-los? Que a história responda a essa pergunta".¹⁸ Encontrou em Ottoni um leitor atento, angustiado pela vivência dos problemas políticos num Brasil monarquista.

¹⁶ Idem, p. 23.

¹⁷ OTTONI, T. B. Discurso. 07 de junho de 1864. *Discursos Parlamentares*. Org. Paulo Pinheiro Chagas. Brasília: Câmara dos Deputados, 1979, p. 773 a 796.

¹⁸ JEFFERSON, T. Primeiro Discurso de Posse. In- *Escritos Políticos...*, p. 39.

Os anos 40 assistiram à vitória de tudo contra o qual Ottoni lutara: a centralização do poder em instâncias políticas afastadas do cidadão comum, a plena atividade do poder moderador, a impotência e a debilidade das localidades na solução de seus problemas, a soberania justificada a partir do pertencimento de D. Pedro II à Casa de Bragança. Frustraram-se os seus ideais de autogoverno.

E aqui retornamos à busca de entendimento do porquê da escolha de Ottoni em aventurar-se pelo Vale do Mucuri, em fins da década de 1840. A Companhia do Vale do Mucuri afigurou-se, para ele, como uma possibilidade de atuar num território tão desconhecido que o tornaria quase imune à gula centralizadora da Corte e ali ele poderia construir uma espécie de laboratório social e, a partir daí, lançá-lo como exemplo para o Brasil: exemplo de empreendimento, de opção política, de união entre liberdade e indústria. E ainda aqui aparece o algodão mineiro, pois afinal, a região a ser beneficiada pela ligação com o mar através do Mucuri era uma grande produtora de um perfeito algodão: Minas Novas.

Se no início da década de 1830, Ottoni aceitou a idéia de uma republicanização gradual - e afirmava, aos leitores do *Sentinela do Serro*, estar persuadido de que, naquela situação, Franklin ou Jefferson fariam o mesmo¹⁹ - em fins dos anos 40 investiu na utopia de um lugar onde a liberdade fosse gradualmente conquistada. Quando funda, no meio da mata, a cidade de Filadélfia, inaugura-a como uma ilha de liberdade, num oceano de arbitrariedade e despotismo.

Filadélfia - atual cidade de Teófilo Otoni - foi estabelecida em agosto de 1852. Ottoni a batizou, assim como o quacker William Penn ao fundar a cidade americana, em 1682. William Penn inaugurou sua cidade numa atmosfera de liberdade, pois firmou junto aos outros colonos um contrato em que se garantia a liberdade de culto, a proteção da propriedade, o julgamento por júri e o estabelecimento de um código de leis. Além disso, selou um tratado de paz com os nativos americanos. A intenção de Ottoni foi estabelecer um paralelo: durante uma incursão pelo vale de um afluente do Mucuri, encontrou-se com diversas tribos botocudas das quais se aproximara sem utilização de violência, deixando seu cartão de visitas presos nos galhos das árvores, como um passe mágico, distribuindo comida. Declarou-se parente do cacique, Poton, repetindo-lhe: Poton-Otoni, Poton-Otoni. Em seu relatório aos acionistas, narrou posteriormente: "peguei-lhe pela palavra e quinze dias depois abria-se, por conta de diversos parentes, uma grande

¹⁹ OTTONI, T. Circular..., p. 23.

derrubada, que produziu três magníficas fazendas". Aproximou-se também de Timóteo e Nincate, afagou-os e presenteou-os, conseguindo a paz. O relatório explicava que tendo assim iniciado na Pensilvânia a ocupação, sorriu-lhe a analogia e, "aceitando o auspício fausto"²⁰, tomou posse de sua Filadélfia.

A intenção inicial baseava-se, portanto, numa relação pacífica com as tribos da região, que desde a declaração de guerra por D. João VI, em 1808²¹, eram tratados à bala sem maiores questionamentos²². Outra aposta residia no sonho de instituição de uma sociedade de trabalho livre. Mesmo que renuncie depois a esta esperança, nos dois primeiros anos Ottoni não conta com escravos: deseja homens livres, colonos desejosos de trabalho e oportunidades, detentores de um capital mínimo. A eles ofereceria a oportunidade de adquirir lotes de terra a um preço curiosamente estipulado: não excederia o valor ordinário das terras nos Estados Unidos²³. Ao longo da década de 1850, longa e dolorosa será a história do início da imigração de famílias da Ilha da Madeira, Saxônia, Holanda e, principalmente, Prússia²⁴.

Todas as iniciativas de Ottoni apontam no sentido de uma mudança a originar-se na sociedade civil, já que a vida política intitucional se fechara como espaço possível para a construção da liberdade. O trabalho, a conquista, o espírito empreendedor, a esperança de uma vida de possibilidades, estes seriam os impulsos de transformação social e de educação para o exercício da cidadania²⁵.

A sua preocupação com a instalação de uma ordem social diferenciada expressava-se em momentos diversos. Ottoni rejeitou os ataques dos soldados brancos aos índios como bárbaros e condizentes com uma sociedade obscurantista. Idealizou um mundo de homens livres trabalhando em

²⁰ OTTONI, T. *Relatório aos Accionistas...*, 1853.

²¹ CARTA Régia ao Governador e Capitão Geral da Capitania de Minas Gerais sobre a guerra aos Índios Botocudos. 13-05-1808.

²² A questão aqui envolvida não implica numa diferença radical da postura de Ottoni em relação aos indígenas no quadro do posicionamento geral da sociedade oitocentista. Há aqui uma estratégia diversa, mas o objetivo permanece semelhante. Não se trata de respeitar estas sociedades indígenas enquanto tal, mas em apostar na paz e na catequização como melhor forma de remover o obstáculo que eles representavam na conquista daquela região. Por outro lado, acredito também que a não violência visava mais possibilitar ao homem branco habitante da região uma formação moral adequada à civilização do que poupar a vida dos índios.

²³ OTTONI, T. *Relatório aos Accionistas...*, 1853, p. 16.

²⁴ A esse respeito, consultar: AVÉ-LALLEMAN, R. *Viagens pelas Províncias da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (1859)*. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1980, p. 176 a 269. / WEYRAUCH, Cléia S. *Pioneiros Alemães na Nova Filadélfia - relato de mulheres*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.

²⁵ Há aqui um paralelo possível com as idéias abraçadas por Rebouças nos anos 70: "em Rebouças, a década de 70 seria dedicada a reformar a sociedade civil, mediante um conjunto de ações econômicas, cujo sentido era o da conformação de uma outra ética social". CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *O Quinto Século - André Rebouças e a Construção do Brasil*. Rio de Janeiro: Revan-IUPERJ/UCAM, 1998, p. 201.

118

suas propriedades, chegando mesmo a falar numa germanização do Mucuri²⁶, numa clara aposta no espírito construtivo e empreendedor daquele povo, que crescentemente se diferenciaria no panorama europeu das décadas seguintes²⁷. Buscava fundar suas decisões - referentes à construção de estradas e à avaliação da navegabilidade do Mucuri e seus afluentes - a partir de consultorias técnicas, contratando engenheiros alemães, opondo-se à improvisação, burocracia e domínio de interesses privados que julgava dominantes nos empreendimentos de obras públicas do governo imperial. As infrações à lei recebiam uma especial atenção do diretor da Companhia. Aquela era uma área em que os conflitos resolvi-am-se facilmente à bala. O isolamento contribuía para a atração de bandidos e soldados em fuga do recrutamento (como testemunham os relatórios dos delegados de polícia das regiões vizinhas ao Mucuri)²⁸. Nos casos de assassinatos e crimes entre os moradores de Filadélfia, encontramos a diligente preocupação de Ottoni em apurar os culpados, atuando junto aos delegados de Minas Novas e solicitando-lhes agilidade nas investigações, afirmando-lhes que assim fariam "bom serviço à justiça, à humanidade e à Companhia do Mucuri".²⁹ Ao Presidente da Província, pede o estabelecimento de uma freguesia e de um distrito de Paz, para controlar os crimes, as represálias e a impunidade, além de um destacamento de pedrestres cujo oficial fosse disciplinado e circunspecto.³⁰ Sem segurança, Filadélfia não poderia cumprir a missão de oferecer-se, aos olhos do resto do Brasil, como terra de trabalho e de iniciativa individual.

Os esforços do fundador de Filadélfia dirigiam-se, portanto, no combate à violência como via de relação social: violência entre índios e brancos, entre colonos e soldados, entre homens entregues à bebida, entre bandidos foragidos ocultos nas imediações das matas. Em seu lugar, desejava a instauração da lei, como instância reguladora dos atos dos homens em convivência social.

²⁶ OTTONI, T.B. Relatório aos acionistas..., 07-08-1854, Rio de Janeiro: Typografia Universal de Laemmert, 1854, p.9.

²⁷ Posteriormente, nos anos 70, a Alemanha se tornará uma referência de liberdade, empreendimento e trabalho perseverante diferenciada da velha Europa e aparecendo paralela ao novo mundo americano, entre vários intelectuais brasileiros. Ver CARVALHO, Maria Alice Resende de. Op. Cit., p. 190 a 200.

²⁸ Ver Seção Provincial: PP I/ 24, ex 103, 104, 151, 152. Arquivo Público Mineiro.

²⁹ CORRESPONDÊNCIA de Theóphilo B. Ottoni ao sub delegado de Minas Novas, Ilmo sr. Major João Jose Fernandes. 10 de junho de 1855. Seção Provincial, Fundo Presidência da Província, Série Correspondência, Sub-Série Sub Delegacia de Minas Novas, caixa 152, doc. 58. Arquivo Público Mineiro.

³⁰ Correspondência de Theophilo B. Ottoni ao Presidente da Província. Fundo Presidência da Província, série correspondência, sub-série Navegação e Canalização dos Rios, Caixa 1, doc. 58. Arquivo Público Mineiro.

Paralelamente à luta contra a violência entre os habitantes de Filadélfia, Ottoni empreenderá outra, contra as dificuldades apresentadas pelo rio Mucuri, cujo leito não será tão dócil à navegação, quanto imaginou inicialmente. O símbolo da Companhia, estampado na capa dos relatórios aos acionistas, trazia a imagem de um vapor em pleno funcionamento, deslizando fumegante pelas águas. Mas a euforia inicial foi posta à prova à medida que inúmeras dificuldades surgiram. Ottoni contava, inicialmente, com as informações dadas pelo engenheiro Victor Renault, enviado pela Presidência da Província ao Mucuri para exploração, em meados da década de 30³¹. A avaliação feita por ele apresentou-se, apesar de superficial, fortemente positiva. Entretanto, ao longo dos anos 50, Ottoni constataria a imprecisão daquele relato³². Passou a consultar outros engenheiros e a realizar inúmeras leituras acerca da navegação de rios. Mais uma vez, as imagens da América guiarão suas idéias e iniciativas. Os relatórios aos acionistas trazem repetidas discussões baseadas em leituras sobre o Rio Mississipi. A navegação neste rio havia sido uma das principais ênfases da presidência de Jefferson, período em que a Lousiana foi adquirida. E será o Mississipi a referência oferecida por Ottoni nos debates sobre os problemas enfrentados no Mucuri. Assim, se as madeiras por vezes obstruíam seu leito, citava referências sobre o mesmo acontecimento no Mississipi e propunha formas de removê-las. Tal como ocorria no grande rio americano, o Mucuri sofria, em tempos secos, de uma diminuição em seu volume de água. Portanto, os cálculos para a capacidade de carga dos vapores devia levar em conta a variabilidade do rio.

A luta pela navegação do rio Mucuri não traria a Ottoni tudo o que ele sonhou. Antes, podemos constatar um triste desfecho. Em janeiro de 1860, o vapor Mucuri, seu grande orgulho, naufraga, ao chocar-se em rochedos durante uma tempestade. Em 1861, o governo imperial encampa a Companhia do Vale do Mucuri, após uma série de ataques a partir dos relatórios do viajante Avé-Lallemant acerca das condições dos imigrantes na região. Em Filadélfia, Ottoni não conseguiu fazer frente à carestia, à seca e à fome intensas do ano de 1858, com desastrosas consequências para os habitantes da região e uma fuga em massa dos colonos em 1859. Nos relatórios de liquidação da Companhia, Ottoni se defende contra as acusa-

³¹ EXPLORAÇÃO dos rios Mucury e Todos os Santos e seus afluentes feita por ordem do governo da Província de Minas Gerais pelo engenheiro dr. Pedro Victor Renault. Collecçãoada e organizada por Léon Renault. Revista do Arquivo Público Mineiro, ano VIII, 1903, julho/desembro, 1049 e seguintes.

³² OTTONI, T.B. *Relatório aos accionistas...* 07-08-1854, p. 4.

ções, lamenta seus prejuízos e a perda de sua saúde. Por outro lado, comenta orgulhosamente sua responsabilidade na transformação da região em área de atividade comercial, com estradas, comunicação pelo rio até o mar e dinamização da vida social e econômica. O vale do Mucuri contava, agora, com 50 léguas de estradas regulares, sendo 30 de rodagem, uma linha de navegação a vapor ligando as comarcas do norte ao Rio de Janeiro, três importantes freguesias (Filadélfia, Capelinha e Jacury) em troca de brenhas inóspitas, com mais de 25.000 almas e diversos núcleos de colonização européia.

A positividade destes aspectos ressaltados por ele acompanhava a mesma lógica dos tempos iniciais da companhia, quando comemorava, eufórico, em junho de 1853, a agilização dos correios. Uma carta que antes demoraria 29 dias entre o Rio de Janeiro e Minas Novas, passou a chegar em 12 dias. E, de certa forma, Ottoni, que cultivou por toda a sua vida uma auto imagem de coerência política, professando os mesmos ideais e mantendo-se fiel às primeiras lições bebidas em Jefferson, também permaneceu ligado às suas origens como filho de tropeiro e ativo ajudante das tropas, nos primeiros anos de juventude. Lembrando-nos aqui da importante contribuição historiográfica de Alcir Lenharo na relação entre o setor de abastecimento e a vida política das primeiras décadas do século XIX, podemos enxergar que a vida política de Ottoni não abandonou a dimensão da "palavra do tropeiro", palavra do homem que percorreu distâncias, trazendo notícias, novidades, produtos, impulsionando a circulação de idéias, jornais, livros. Homem sabedor das dificuldades dos caminhos, ansioso por trajetos mais fáceis e mais seguros.

O aventureiro de Filadélfia, em seu sonho de fundar, no seio de uma mata perdida no Brasil, uma semente do sonho americano, permaneceria, leal aos ideais da família Ottoni, orgulhosa da fortuna adquirida nas tropas e sempre vestida, nas melhores ocasiões, com o mais legítimo algodão mineiro.